

## LEISHMANIOSE VISCERAL COM PERÍODO DE INCUBAÇÃO DE, PELO MENOS, QUATRO ANOS

Vicente AMATO NETO (1)

### R E S U M O

O período de incubação da leishmaniose visceral, adquirida por menina com nove anos de idade, no Estado de Minas Gerais, correspondeu a, pelo menos, quatro anos. A segura demarcação dessa fase foi possível em virtude de determinado acontecimento e o relato da verificação tornou-se necessário, uma vez que tem nexos, sobretudo, com implicações de naturezas clínica e epidemiológica.

### I N T R O D U Ç Ã O

Ultrapassada a fase na qual, no Brasil, a leishmaniose visceral humana não merecia cogitações ou passou a ser excepcionalmente diagnosticada, em trabalhos clínico-assistenciais, é lícito salientar que, agora, essa afecção é reconhecida de forma não incomum. Vários fatores contribuíram para essa mudança, mas julgo que ao melhor ensino das doenças transmissíveis, presentemente vigente em diversas instituições, universitárias ou não, pode ser creditada meritória participação.

Em face a paciente com febre, evidências de comprometimento do estado geral e até mesmo caquexia, anemia, hepatomegalia e esplenomegalia, paralelamente a documentação laboratorial revelando leucopenia, diminuição do teor de albumina no soro e hipergamaglobulinemia, a possibilidade de que leishmaniose visceral corresponda à afecção em cena afigura-se muito viável, sendo cogitada inclusive por médicos não especialistas no que se refere às doenças transmissíveis e dotados de conhecimentos suficientes para adequado exercício rotineiro da profissão.

Detalhe que, a respeito, não pode ser esquecido, é o concernente ao período de incu-

bação da parasitose citada. Esse intervalo que dura desde o momento da infecção até o aparecimento das primeiras manifestações clínicas, é variável. Por vezes não muito prolongado, em outras oportunidades ele assume dimensão extremamente longa e, o que se afigura importante, chega por isso a dificultar interpretações, pois o nexo entre residência em zona onde a moléstia parasitária ocorre e processo causado pela *Leishmania donovani* em diferentes ocasiões fica fora de abordagem, quando o atendimento tem lugar em ambientes nos quais a enfermidade não é autóctone, quase sempre exemplificáveis por cidades de certo porte ou áreas metropolitanas, procuradas freqüentemente para tratamento.

É habitualmente difícil determinar o período de incubação da leishmaniose visceral. Quando o doente mora no lugar onde adquiriu a infecção ou, então, já chega com evidência do processo a algum ambiente urbano em busca de assistência; a demarcação da etapa em questão não pode, com segurança, suceder. No entanto, a circunstância constituída pelo começo das queixas ou das alterações clínicas em localidade na qual a protozoose não é ad-

Hospital do Servidor Público Estadual «Francisco Morato de Oliveira», de São Paulo. Serviço de Doenças Transmissíveis

(1) Diretor do Serviço de Doenças Transmissíveis

quirível facilita a estipulação do intervalo mencionado. A título de exemplo, para ilustrar a veracidade dessas ponderações, lembro que RODRIGUES DA SILVA<sup>6</sup> não conseguiu saber, com certeza, a duração do período em tela em relação a nenhum dos 104 pacientes que cuidadosamente observou.

Na literatura médica estão consignados muitos números, indicativos dos não uniformes períodos de incubação da leishmaniose visceral<sup>1,2,3,4,5</sup>. Para justificar a comunicação que nesta oportunidade efetuo, creio ser conveniente especificá-los, no Quadro I.

#### Q U A D R O I

Períodos de incubação da leishmaniose visceral, referidos na literatura médica

Dias	Meses
10	2
14	16
20	18
21	19
30	30
	33
	34
	36

O prazo médio oscila entre limites de dois a quatro meses, mas sob esse aspecto também existe heterogeneidade das informações pois, extremos de três semanas e um semestre foram referidos.

Contaminações intencionais, em pesquisas experimentais, comprovaram períodos de tempo de 70 dias a oito meses<sup>7</sup>.

Doente que pude observar ensejou a delimitação de período de incubação igual ou maior do que quatro anos, superior ao máximo assinalado nas revisões que consultei. Como essa verificação, além de expressivamente incomum, gera notórias implicações, decidi relatá-la, a fim de, mormente facilitar trabalhos assistenciais.

#### RELATO DO CASO

No dia 16 de agosto de 1974 foi internada, no Hospital do Servidor Público Estadual "Francisco Morato de Oliveira", de São Paulo, a menina N. N. M. (número de registro:

384.006), com nove anos de idade, que adoeceu dez meses antes, tendo febre correspondido à manifestação inicial. A paciente estava acometida de broncopneumonia e, ao exame clínico, eram perceptíveis, como anormalidades fundamentais, caquexia, anemia e grandes hepatomegalia e esplenomegalia.

Houve tratamento do processo bacteriano presente no aparelho respiratório e, depois, através das convenientes providências de ordem laboratorial, pôde ser verificado que a doente sofria de leishmaniose visceral.

A enferma sempre residiu na cidade de Taubaté, no Estado de São Paulo. Seus pais levaram-na para a Capital em busca de assistência médica e, como leishmaniose visceral não ocorre na localidade citada, foi valorizada uma única viagem que a menor efetuou, permanecendo desde julho de 1969 até setembro de 1969 em Montalvânia, nas proximidades de Januária, na região norte do Estado de Minas Gerais.

Em virtude da adoção de medidas apropriadas, sucedeu cura e o acontecido, permitindo inofismável estipulação de período de incubação muito longo, de pelo menos quatro anos, originou a conveniência desta comunicação.

#### DISCUSSÃO

Como a paciente só deixou em uma ocasião a localidade onde morava, em área na qual a leishmaniose visceral não é endêmica, houve ensejo de configurar o intervalo de quatro anos ou maior, já referido. É lógico que a infecção possa ter-se processado previamente à saída da doente da zona visitada, pois ela aí permaneceu durante três meses. De qualquer forma, a fase de incubação que constatamos refletiu verificação fora do comum, com esta notificação realçada.

A conotação desse acontecimento com trabalhos clínicos e epidemiológicos ligados à leishmaniose visceral é evidente e facilmente entendível. Em outras palavras, se for esquecida a probabilidade de ser muito grande o período de incubação advirão imperdoáveis erros.

Na Ásia Central e na África foram visualizadas lesões iniciais, denominadas leishmaniomias e constituídas por minúsculas pá-

pulas com poucos milímetros de tamanho, situadas em geral na face. Elas quase sempre desaparecem antes que surjam os sintomas e, na dependência da cepa do parasita e da imunidade, a infecção pode terminar nessa etapa, evoluindo o processo para a cura espontânea. Como esse componente da protozoose não é costumeiramente perceptível e constante, deixo de considerá-lo, estipulando como período de incubação o que vai da infecção ao princípio das manifestações patentes.

A averiguação que agora registro dependeu de situação especial, raramente configurada quanto a outros doentes. Muito útil no que concerne à condição que observei, ela tornou-se obrigatoriamente relatável, compondo eventualidade inusitada.

#### SUMMARY

#### Visceral leishmaniasis (Kala-Azar): a case of, at least, four years of incubation period

An unusual incubation period, of at least four years, in a case of visceral leishmaniasis acquired by a nine years old girl in the State of Minas Gerais (Brasil) is reported. It was possible to establish the accuracy of such a period through a certain event (related in the text) and the report of this observation seems

necessary particularly because of its clinical and epidemiological implications.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALENCAR, J. E. — Aspectos clínicos do calazar americano. *Rev. Brasil. Malariol. Doenças Trop.* 11:19-44, 1959.
2. MORAES, R. G.; LEITE, I. C. & GOULART, E. G. — *Parasitologia Médica*. Rio de Janeiro e São Paulo, Livraria Atheneu S.A., 1971.
3. PESSOA, S. B. & MARTINS, A. V. — *Parasitologia Médica*. 9ª Ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan S.A., 1974.
4. PRATA, A. — *Quadro Clínico e Laboratorial do Calazar*. [Tese]. Salvador, Fac. Nac. Med. Univ. Bahia, 1957.
5. REY, L. — *Parasitologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan S.A., 1973.
6. RODRIGUES DA SILVA, J. — *Leishmaniose Visceral (Calazar)*. [Tese]. Rio de Janeiro, Fac. Nac. Med. Univ. Brasil, 1957.
7. SWAMINATH, C. S.; SHORTT, H. E. & ANDERSON, L. A. P. — Transmission of kala-azar to man by the bites of *Phlebotomus argentipes*. *Indian J. Med. Res.* 30:473-477, 1942.

Recebido para publicação em 6/12/1977.